

Pe. Luís Teresa de Jesus Agonizante,

PASSIONISTA

São Paulo da Cruz

Caçador de almas

Fundador da
Congregação Passionista



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Agonizante, Luís Teresa de Jesus

São Paulo da Cruz : o caçador de almas : fundador da Congregação
Passionista / Luís Teresa de Jesus Agonizante ; tradução Vicente do Nome
de Jesus. – 1. ed. -- São Paulo : Paulinas, 2020.

(Biblioteca Paulinas – Espiritualidade)

Bibliografia

ISBN 978-85-356-4583-5

1. Paulo da Cruz, Santo, 1694-1775 – Biografia I. Título II. Jesus,
Vicente do Nome de

19-2432

CDD-922.22

Índice para catálogo sistemático:

1. São Paulo da Cruz – Biografia 922.22

Angélica Ilacqua - Bibliotecária - CRB - 8/7057

Título original da obra: *São Paulo da Cruz: o caçador de almas*
Fundador da Congregação Passionista.

1ª edição – 2020

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editora responsável: *Vera Ivanise Bombonato*

Tradução: *P. Vicente do Nome de Jesus*

Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*

Produção de arte: *Tiago Filu*

*Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida
por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico,
incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou
banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.*

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2020

NOTA À NOVA EDIÇÃO

A primeira edição desta biografia é a pequena *Histoire de Saint Paul de la Croix* (*História de São Paulo da Cruz*) de 1867, escrita em francês pelo Passionista P. Louis-Th. de Jésus Agonisant (Pe. Luís Teresa de Jesus Agonizante). Em 1869, após a canonização de São Paulo da Cruz (1867), o autor publicou uma edição mais ampliada (segunda edição); em 1873, foi publicada a terceira edição, e, em 1888, a quarta edição. Esta última edição foi traduzida em espanhol em 1914, e em italiano em 1952. A edição italiana foi traduzida em português pelo Pe. Vicente do Nome de Jesus, Passionista, e publicada pela editora O Calvário, em São Paulo, em 1958, com o título *Vida de São Paulo da Cruz. Caçador de almas*.

Esta edição, revista e melhorada, publicada a distância de mais de sessenta anos, nasce da saudade dos que leram o *Caçador de almas* e ficaram fascinados pela figura de São Paulo da Cruz, na certeza de que ele exerce ainda um fascínio nas pessoas que se aproximam dele: jovens e adultos, leigos, religiosos e sacerdotes. Seu carisma e sua espiritualidade são atuais, como é atual a força redentora da Cruz de Jesus.

A Família Passionista do Brasil (FPB), celebrando os 300 anos da fundação da Congregação Passionista (2020), quer agradecer ao seu Fundador com este presente ao povo brasileiro.

Pe. Giovanni Cipriani, Passionista
Superior provincial da Província da Exaltação da Santa Cruz

APRESENTAÇÃO

“*Animarum venator, Evangelii praeco et Lucerna fulgieis*”. Com razão, a Igreja, numa antífona da Liturgia das Horas do “Próprio” dos Passionistas, saúda São Paulo da Cruz como: “Caçador de almas, Arauto do Evangelho, Lucerna resplendente”.

“Caçador de almas”, assim era chamado Paulo da Cruz, pelo seu intenso desejo de levar as pessoas a conhecer o amor de Deus no Cristo crucificado. Por mais de quarenta anos, ele viajou por todas as regiões da Itália e, com a luz do exemplo e da palavra, sustentada e corroborada pelo poder dos prodígios, converteu inúmeros pecadores, reduziu os errantes à fé e foi guia espiritual para muitas pessoas desejosas de seguirem o caminho da santidade.¹

De onde Paulo da Cruz aprendeu a sabedoria da qual era repleto? De qual rica fonte ele tirou a força e o espírito que tornou sua palavra tão eficaz para a conversão e a direção espiritual das almas? A resposta dos que o conheceram é unânime: das chagas de Cristo crucificado. Se, de fato, Paulo não deixou de estudar nos livros dos homens, ele aprendeu sobretudo do *Crucifixo*, o livro que sempre tinha sob seus olhos, sempre meditava e carregava em seu coração, tanto que se tornou o assunto principal de sua pregação e de sua orientação espiritual, fazendo próprio

¹ Nas suas *Cartas* (nesta obra identificadas como *Lettere* ou *Lt*), que somam mais de 32 mil, embora as que chegaram até nós são pouco mais de duas mil, Paulo da Cruz se revela um profundo e equilibrado orientador espiritual. As cartas são endereçadas a pessoas de todo estado de vida e condição social: papas, bispos, padres, religiosos e religiosas, casais, solteiros, jovens etc. Nelas, ele, mantendo sempre constante sua insistência na centralidade da Paixão de Jesus na vida cristã, revela experiência de vida, profundo conhecimento do ânimo humano, equilíbrio teológico e moral, tanto que podemos chamá-lo de “pedagogo místico”.

o programa do apóstolo Paulo: “Nós pregamos Cristo crucificado” (1Cor 1,23). Por isso, ele podia escrever às pessoas que dirigia espiritualmente: “A meditação sobre a Paixão de Jesus é o caminho mais fácil para deixar os vícios e chegar à santidade”.

A Paixão de Jesus se tornou o centro da espiritualidade, da vida e do apostolado de Paulo da Cruz. Para ele, a “Paixão de Jesus é a obra mais estupenda do amor de Deus por nós”,² o “Remédio para curar todos os males do nosso tempo”,³ o “Meio mais eficaz para converter os pecadores”, é uma “Escola de santidade”.

Olhando para a Cruz de Jesus, Paulo vê nela a revelação do amor divino, pois “a Santa Paixão de Jesus Cristo é obra do amor infinito de Deus”. É por isso que muitas de suas cartas iniciam sempre com as palavras: “Que a Paixão de Jesus Cristo esteja sempre gravada em nossos corações”.

Falando da Paixão de Jesus, Paulo da Cruz fala de “*Memoria Passionis*” (Memória da Paixão) e de “esquecimento”: lembrar algo que está esquecido. Quando fala de “esquecimento” da Paixão, ele quer contrastar uma maneira sentimental, moralista ou cultural de se lembrar da Paixão, com outra forma de fazer “memória”, que é viva, relacional e transformadora, pois a “Paixão de Jesus é a escola para aprender todas as virtudes”.⁴

A meditação sobre a Paixão de Jesus, para ele, não podia ser apenas um chorar sobre as dores de Jesus (sentimentalismo), nem uma representação mental das cenas evangélicas (intelectualismo), mas devia levar a pessoa para uma profunda comunhão com Cristo e uma experiência de seu amor pessoal por nós: “Se você está meditando sobre a agonia de Jesus no horto das oliveiras, transporte-se para esse horto e fique sozinha com Ele. Olhe para Ele com compaixão, com viva fé e amor, e diante daquelas gotas de sangue, pergunte a Ele: ‘Meu querido

² Lt. II, 450, 26 de março de 1753.

³ Lt. II, 213, 10 de janeiro de 1741.

⁴ “Minha filha em Jesus Crucificado... Diga abertamente ao Pai celeste, mas com profunda fé, que o mundo vive esquecido da Paixão de seu filho Jesus, que é o milagre dos milagres do amor de Deus, a fim de que mande os servos desta Congregação a fazerem soar a trombeta da palavra divina com o intuito de despertar o mundo que está adormecido” (Carta a Lúcia Burlini, 17 de agosto de 1751).

Jesus, por quem você sofre?’ Ouça o que Ele responde ao seu coração...” (Carta, III, 148-9). Em outra carta, escreve: “Esse grande Deus, que por amor a nós se tornou humano e quis tanto sofrer por nós, está mais perto de você do que sua própria pele. Portanto, filha, fale com ele de coração para coração” (Cartas, II, 562). Esse colóquio “de coração a coração” com Jesus é o núcleo e o diferencial da oração e da meditação de Paulo da Cruz.⁵

Nas suas cartas, ele insiste continuamente em “fazer memória” da Paixão de Jesus. “Fazer memória”, para ele, é um exercício que envolve a pessoa inteira (emoções, inteligência e vontade) e a orienta nas escolhas e projetos da vida. É ir até o centro do coração, não apenas para lembrar os acontecimentos da Paixão, mas para entrar no “mistério do amor da Paixão de Jesus”. É um “exercício interior”, é entrar em oração contemplativa.⁶ Resultado desse exercício é uma “vida transformada”, uma “resposta de vida” ao amor de Jesus, completamente colocada ao serviço da salvação dos irmãos e das irmãs e totalmente orientada a buscar e a fazer a vontade de Deus. Para Paulo, o exercício da *Memoria Passionis* leva para uma vida plenamente teológica, vivida na fé, na esperança e na caridade.⁷

“A Paixão de Jesus é um mar de amor e um mar de dor”. Essa é a profunda intuição de Paulo da Cruz. Na meditação da Paixão de Jesus

⁵. Cf. Paul Francis Spencer CP, San Pablo de la Cruz y la Pasión de Cristo. In: L. D. Merino; R. Ryan; A. LPPPI, *Pasión de Jesucristo*. Madrid: San Pablo, 2015.

⁶. Para Paulo da Cruz, o caminho para alcançar a contemplação divina é imitar a humanidade de Cristo: “Não se pode passar à contemplação da imensa divindade sem entrar pela porta da humanidade divina do Salvador” (I, 289). Por essa razão, ele aconselha a levar sempre na oração algum mistério da paixão de Jesus: “A recordação dos sofrimentos de Jesus, juntamente com a imitação de suas virtudes, nunca deve ser abandonada” (Lt. II, 166).

⁷. É isso que nos lembra, também, o Papa Francisco: “Levando com Cristo nossas cruces e dificuldades diárias, aprendemos com Ele a capacidade de entender e aceitar a vontade de Deus [...]. O caminho para a santidade passa pela cruz. Nesta perspectiva, devemos olhar para todo sofrimento: doença, injustiça, pobreza e fracassos. Para nós, a Cruz é uma fonte de purificação, de vida e força no espírito [...]. Queridos doentes, encontrem consolo na cruz do Senhor Jesus, que continua a sua obra de redenção na vida de cada homem [...]. Queridos casais, mantenham um relacionamento constante com Cristo Crucificado, para que o seu amor seja cada vez mais verdadeiro, fecundo e duradouro” (Audiência geral, 13 de setembro de 2017).



não podemos nos fixar somente nas dores de Jesus, pois ela é “obra de amor”. Os pregadores de sua época enfatizavam mais o sofrimento e a dor de Jesus na cruz. Havia quase a exaltação do sofrimento. Nesse pensamento teológico, a dor e o sofrimento eram “dom” de Deus. Por isso, a única maneira para seguir a Jesus era procurar-se dor e sofrimento através de penitências corporais até mesmo sangrentas.

Paulo da Cruz, sem deixar o lado da dor, destaca principalmente o amor que leva Jesus a morrer na cruz. Do mar de amor do Pai, dizia ele antecipando a hodierna teologia da Cruz, flui o mar de dor de Jesus; do mar da Divina Caridade, flui o mar da Paixão de Jesus. São dois mares em um só.

Na experiência mística pode-se ter uma percepção desta vida íntima da Trindade, por meio do que ele chama de “amor doloroso e dor amorosa”, uma experiência que contém, no fundo, uma profundíssima alegria.⁸

A expressão mais bela e sintética dessa doutrina de Paulo da Cruz encontra-se em uma carta escrita à monja Gandolfi, mas também contida em muitas outras cartas escritas para leigos/as:

O amor é uma virtude unitiva e faz próprios os sofrimentos do Amado Bem. Se você se sentir toda invadida, por dentro e por fora, pelas dores do Esposo, faça festa; mas, posso dizer-lhe que esta festa é feita na fornalha do Divino Amor, porque o fogo que penetra até a medula dos ossos, transforma o amante no amado, e misturando-se totalmente o amor com a dor, a dor com o amor, faz-se um misto amoroso e doloroso, mas tão unido que não se distingue nem o amor da dor, nem a dor do amor, tanto que a alma amante se alegra em sua dor e faz festa em seu doloroso amor. Acredito que você vai entender minha loucura.⁹

⁸. Adolfo Lippi. La spiritualità della croce proposta da Paolo ai laici. In: San Paolo della Croce, *Lettere di formazione e direzione spirituale ai laici*, a cura di Max Anselmi, Passionista, Volume I, Tomo I, pp. 107-108.

⁹. Cf. Carta à Ir. Colomba Geltrude Gandolfi, 10 de julho de 1743.

“Jesus na cruz revela-nos a beleza e a força do amor.” Para Paulo da Cruz, é o amor que ilumina a Cruz e torna o coração do Crucificado de uma beleza única. Jesus, que na cruz aparece aos olhos humanos, desfigurado e sem beleza, a ponto de obrigar os espectadores a desviar o rosto (cf. Is 53,2-3), manifesta plenamente a beleza e a força do amor de Deus. É por isso que na cruz Jesus aparece o “mais belo entre os filhos do homem” (Sl 45,3). Meditar a Paixão de Jesus é aprender que a beleza dos sentimentos é mais humanizadora do que a beleza da pele.¹⁰

* * *

Para manter viva a “Memória da Paixão” de Jesus Cristo (*Memoria Passionis*), Paulo da Cruz funda a *Congregação da Paixão de Jesus Cristo (Passionistas)*.¹¹ Na *Regra* de 1720, ele apresenta a identidade do religioso Passionista: ter uma contínua memória da Paixão de Jesus, e, como mestres de oração, promovê-la no mundo. “Saibam, amadíssimos, que o principal objetivo de ir vestidos de preto (de acordo com a inspiração especial que Deus me deu), significa vestir-se de luto em memória da Paixão e Morte de Jesus... e nunca se esquecer de ter conosco uma contínua dolorosa e amorosa memória; cada religioso procure sugerir às pessoas de meditar sobre os tormentos e o amor de nosso dulcíssimo Jesus”.

Portanto, “promover, no coração de todos, a devoção à Santa Paixão de Jesus” é a missão principal da Congregação Passionista.

Para Paulo, os religiosos da Congregação da Paixão são chamados “para trabalhar na vinha de Jesus Cristo e promover a Paixão e a memória

^{10.} “A beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado” (Papa Francisco, EG 36). Essa é uma mensagem muito atual. Diante do culto da beleza do corpo, infelizmente separada da beleza dos sentimentos, podemos lembrar as palavras de K. Gibran: “A beleza não está no rosto; a beleza é uma luz no coração”, e de F. M. Dostoievski: “A humanidade pode viver, sem ciência, pode viver sem pão, mas não pode viver sem beleza... é a beleza que salva o mundo”. É essa beleza do Cristo crucificado que atrai os jovens em busca do sentido da vida.

^{11.} Ele iniciou no monte Argentário, Itália, reunindo um grupo de companheiros que se dedicavam à oração e à pregação de missões populares e de retiros centrados no mistério da Paixão de Cristo.

da Paixão do Senhor, tão esquecida na maior parte do mundo”.¹² Os Passionistas devem preferir “os lugares mais pobres e abandonados... aonde ninguém quer ir” e levar as pessoas a “conhecer o amor de Deus revelado na Paixão de Jesus”; pois, para Paulo da Cruz, o verdadeiro pobre é quem não conhece o amor de Deus e não sente que é amado por ele.

Em 2020, a Congregação Passionista celebra seus trezentos anos de fundação. Hoje ela está presente em 62 países, continuando a missão confiada pelo Fundador: despertar nos corações a “grata memória” da paixão de Jesus, a “obra mais estupenda do amor divino... o milagre dos milagres de Deus”, e caminhar com os crucificados, compartilhando suas ansiedades e esperanças. “Conscientes de que a Paixão de Cristo continua no mundo até ele voltar em sua Glória, compartilhamos das alegrias e ansiedades da humanidade a caminho para o Pai. Desejamos participar das tribulações dos homens, especialmente dos pobres e abandonados, confortando-os e aliviando-lhes os sofrimentos” (Const. 3).

* * *

Paulo da Cruz, depois de ter fundado a Congregação dos Passionistas, fundou também a Congregação das Religiosas (1771), as Monjas Passionistas, às quais deu a mesma Regra com algumas variações de acordo com a necessidade da diferença do sexo. As Monjas, de vida contemplativa, promovem a *Memoria Passionis* por meio de sua vida de oração e penitência. No pensamento do Fundador, é uma única Congregação, com a mesma finalidade, onde a vida contemplativa sustenta o trabalho missionário dos Religiosos, e estes cuidam da formação das monjas.

Família Passionista

O movimento despertado por Paulo da Cruz, ao longo do tempo, se expandiu e contagiou Institutos de Vida Consagrada, leigos e leigas. Eles se inspiram à rica espiritualidade de Paulo da Cruz e o amam com terno amor de filhos e filhas, constituindo a Família Passionista. Hoje ela é composta de:

¹² Lt. I, 519.

- *Religiosos Passionistas*: “Viver em comunidade para anunciar o Evangelho da Paixão, com a vida e o apostolado”.
- *Congregação das Monjas da Paixão de Jesus Cristo* (Contemplativas): “Irradiar no coração da Igreja o Amor do Crucificado”.
- *Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz*: “Viver, testemunhar e promover a ‘Memória da Paixão’ de Cristo e das Dores de Maria que continuam na história da humanidade”.
- *Instituto Missionário Secular da Paixão*: Consagradas/os “chamadas/os a permanecer no mundo, na doação total de si mesmo a Deus, seguindo o Senhor Jesus no mistério da sua Paixão redentora”.
- *Comunidades Leigas Passionistas* (CLPs): Viver e testemunhar “Cristo Crucificado, poder de Deus e sabedoria de Deus” (1Cor 1,24) na “própria e peculiar característica secular” (LG 31).

* * *

Em 1911, os Passionistas chegam no Brasil. No final de 1800 e início de 1900, houve o êxodo de milhares de italianos para a Argentina e o Brasil. Essa emigração levou o Papa Pio X a promover e encorajar os Institutos religiosos – entre eles os Passionistas – a realizarem novas fundações nesses países, garantindo assim a assistência religiosa aos emigrantes e promovendo obras sociais.

O bispo Dom João Francisco Braga, enquanto estava em Petrópolis, leu a biografia do jovem Passionista São Gabriel de Nossa Senhora das Dores e passou a ter uma grande estima pela Congregação Passionista. Quando ele foi transferido para Curitiba, encontrou colônias de italianos que precisavam de assistência religiosa. Constatando o lamentável abandono espiritual em que se achavam as populações litorâneas de origem italiana, escreveu uma carta aos Passionistas italianos que estavam na Argentina, pedindo-lhes ajuda. Em setembro de 1911, os primeiros Passionistas chegaram a Curitiba. Em seguida, vieram outros, e ficaram no Paraná e em São Paulo.

Em 1947, chegou à Bahia outro grupo proveniente da região central da Itália, a pedido do então cardeal arcebispo de Salvador, Dom Augusto Álvaro da Silva. Os Passionistas, além de servir com ardor missionário a arquidiocese nas paróquias da cidade baixa de Salvador, foram se desdobrando em vastas regiões ao leste e sul da Bahia, transformando em fervorosas comunidades as populações dos lugares que os bispos lhe confiavam.

Em 1953, do centro-sul da Itália, chegou outro grupo no Espírito Santo e em Minas Gerais, indo para as periferias, dando assistência às populações mais pobres e pregando missões populares.

Da Holanda, em 1958, chegaram mais Passionistas e foram para o interior de Goiás. O povo da diocese de São Luís de Montes Belos sente ainda o cheiro da sua presença, do seu trabalho, da sua entrega total ao povo.

O exemplo de vida comunitária e missionária dos Passionistas atraía os jovens brasileiros, desejosos de serem “companheiros” de São Paulo da Cruz. E a Congregação Passionista cresceu tanto nesta “Terra de Santa Cruz”, que ela hoje está presente na maioria dos estados do Brasil, e até enviando missionários para o exterior.

Santuário de São Paulo da Cruz

Em 2003, na celebração dos cinquenta anos de vida missionária dos Passionistas em terras mineiras, o cardeal Dom Serafim Fernandes de Araújo, arcebispo de Belo Horizonte, elevou a igreja Matriz do Barreiro a Santuário de São Paulo da Cruz, com a justificativa: “Este é o santuário da misericórdia”, vivida e pregada por São Paulo da Cruz.

O Santuário, promovendo o carisma e a espiritualidade de São Paulo da Cruz, dá impulso à tradição da religiosidade popular mineira no culto ao *Bom Jesus*: uma devoção centrada no mistério da sua *Paixão e morte na cruz*. A Paixão de Jesus sempre exerceu impacto no povo mineiro, que, nos sofrimentos e no amor de Jesus na cruz, encontra um retrato vivo de sua própria existência marcada pela injustiça social, sofrimento e opressão. A antiga devoção popular mineira do Bom Jesus conserva, no santuário, sua mensagem atual.

No Santuário há um altar com a imagem de São Paulo da Cruz, que aponta o Crucificado, com um olhar firme, místico e humano. As pessoas vão a ele para pedir fé e força para carregar as cruzes cotidianas, pedir a graça de uma cura, sobretudo a do câncer, a bênção para uma vida em gestação no ventre da mãe, ou para agradecer pelo dom de uma vida que nasceu.

No altar há algumas de suas relíquias: um *ex ossibus* (pedaço de osso de seu corpo); uma *opa* usada, quando jovem, Paulo pregava nas ruas de Castellazzo; um “distintivo Passionista”, usado pelo santo na pregação das missões populares; uma “réplica” do corpo-relicário que está em Roma.

* * *

Vimos como a *contemplação do Crucificado* modelou Paulo da Cruz e o fez um profundo místico, ardoroso missionário, pessoa profundamente humana, grande arauto da Paixão de Cristo, fundador de Congregação, prudente e profundo orientador espiritual, incansável pregador de missões populares e santo, a partir de duas intuições e experiências místicas: “A Paixão de Jesus é a maior e mais estupenda obra do amor de Deus para conosco”; “A Paixão de Jesus é o remédio mais eficaz para curar os males do mundo”.

A força necessária para tanta dedicação lhe vinha dos longos e intensos momentos passados em contemplação diante do Crucificado, do qual colhia todo o ardor, convicção e persuasão de sua eloquência que arrebatava multidões e conduzia muitos ao amor de Deus.

Paulo da Cruz faleceu em Roma em 1775. À distância de muitos anos, a voz eloquente do “caçador de almas” não se extinguiu com a morte. Ele continua orientando as almas através de suas cartas – um verdadeiro “Tratado de mística e ascética cristã” –, nas quais ele soube derramar todo o seu coração de apóstolo e de orientador espiritual, e sugerir práticos e eficazes ensinamentos de vida e de perfeição cristã. Ele continua, também, mantendo viva a *Memoria Passionis* através da vida e do apostolado de seus filhos e filhas da Família Passionista.

Lendo este livro, o leitor se dá conta de que os apelidos dados a Paulo da Cruz não são exageros: “caçador de almas”, “gigante da Cruz”, “místico e apóstolo do Crucificado”, “apóstolo dos bandidos”, “pedagogo místico”, grande “diretor de almas” etc. Ele se define, com muita humildade, um “milagre da infinita misericórdia de Deus”.

A todos nós Paulo da Cruz deixa uma recomendação: “Se quiser passar bem o dia, inicia-o meditando por cinco minutos a Paixão de Jesus”.

19 de outubro de 2019,
Festa de São Paulo da Cruz
Pe. Giovanni Cipriani, Passionista
Superior provincial da Província da
Exaltação da Santa Cruz



CRONOLOGIA DE PAULO DA CRUZ

- 1694 – 3 jan. Paolo Francesco Danei, sucessivamente *Paulo da Cruz*, nasce em Ovada (Itália), “na alvorada”. Filho de Lucas Danei e Ana Massari. É o secundogênito de 16 filhos, dos quais 11 morrem na infância.
- 1694 – 6 jan. Recebe o sacramento do Batismo, em Ovada.
- 1713 Aos 19 anos, Paulo diz que teve uma “conversão” ouvindo a pregação do pároco falando sobre o amor de Deus. Alguns estudos afirmam que foi no dia 22 de julho, festa de Santa Maria Madalena.
- 1716 Lucas Danei, com a família, após ter mudado várias vezes de domicílio, volta a Castellazzo (AL), sua terra de origem.
- 1716 Paulo se alista voluntariamente na Cruzada promovida pelo papa Clemente XI para defender os lugares da “Terra Santa”. Durante a adoração Eucarística, em Crema (CR), na quinta-feira antes da Quaresma, 20 de fevereiro, há uma “iluminação espiritual” e compreende que deve combater na construção do Reino de Deus, servindo-se de outras armas!
- 1719 – 23 abr. Recebe o sacramento da Crisma, em Castellazzo (AL).
- 1720 – No verão Aos 26 anos recebe uma “iluminação interior”: Nossa Senhora vestida de hábito preto. Paulo compreende que deve reunir companheiros e fundar uma Congregação cujos membros devem vestir-se de luto e promover a contínua memória da Paixão de Jesus.

- 1720 – 22 nov. Na capela do bispado de Alessandria, pelo bispo dom Gattinara, recebe o hábito preto da Paixão. É o “nascimento” da Congregação Passionista.
- 1720 – 22 nov.
a 01/01/1721 Paulo, após a “vestição”, de noite volta a Castellazzo e inicia o “retiro” dos quarenta dias, na igreja de São Carlos. Lá, ele vive uma profunda experiência mística e escreve as primeiras *Regras* da nova Congregação (de 02 a 07 de dezembro) e o *Diário espiritual*. A partir daí seu nome será *Paulo da Cruz*.
Alguém escreveu que “Paulo entra em São Carlos como um noviço e sai como fundador”.
- 1721 – out. Primeira viagem a Roma para encontrar o Papa. Na basílica de Santa Maria Maior, em Roma, diante da imagem de Nossa Senhora, “saúde do povo romano”, faz o voto de “dedicar sua vida a amar e fazer amar Jesus Crucificado”.
- 1722 – 1725 Paulo da Cruz e o irmão João Batista vivem em diversas ermidas: Monte Argentário (GR), Gaeta (LT) e Itri (LT).
- 1725 – 21 maio Estando em Roma para o “Jubileu”, o papa Bento XIII, em “viva voz”, o encoraja a reunir companheiros e a “atuar a inspiração divina”.
- 1726 – 1728 Paulo da Cruz e o irmão João Batista cuidam dos doentes no hospital São Galicano, em Roma: uma experiência de total gratuidade para com os pobres e desfavorecidos.
- 1727 – 7 jun. É ordenado sacerdote por Bento XIII, na Basílica de São Pedro, junto com seu irmão João Batista.
- 1727 – 8 jun. Na festa da Santíssima Trindade, Paulo da Cruz e o irmão João Batista celebraram a “primeira missa” na capela do hospital São Galicano.
- 1727 – 27 jul. Morre-lhe o pai Lucas Danei, em Castellazzo (AL).
- 1728 – 1737 Paulo da Cruz e o irmão João Batista se estabelecem definitivamente no Monte Argentário, no eremitério de Santo Antônio, dedicando-se à catequese e ao apostolado nas cidades vizinhas.

- 1730 Paulo da Cruz e João Batista pregam a primeira “missão popular” na cidade de Talamone (GR), e começa a reunir os primeiros companheiros.
- 1737 – 14 set. É inaugurado o primeiro Convento da Congregação, no Monte Argentário: “Retiro da Apresentação de Nossa Senhora ao Templo”.
Uma parte decisiva da vida de Paulo da Cruz é vivida no Argentário (15 anos), ambiente onde ele mais vive sua experiência contemplativa. Não podemos entender sua experiência mística fora da paisagem do Monte Argentário.
- 1741 – 15 maio Primeira aprovação das Regras pelo papa Bento XIV, que exclama: “Esta Congregação, nascida por último, pela sua espiritualidade e pela missão na Igreja, devia ser a primeira”.
- 1741 – 11 jun. Paulo da Cruz e seus “companheiros” – cinco sacerdotes e um irmão – emitem a primeira profissão religiosa. O povo começa a chamá-los de “*Passionistas*”.
- 1744 – 1775 Fundação de 11 Retiros (Conventos).
- 1746 – 10 dez. Morre-lhe a mãe, Ana Maria Massari, em Castellazzo (AL).
- 1747 É eleito superior-geral da Congregação e sempre será reconfirmado neste cargo até sua morte.
- 1748 – 1767 Prega várias “Missões populares” e Retiros espirituais. Escreve milhares de cartas de direção espiritual.
- 1755 – 6 abr. Em Verona (FR), alguns leigos reúnem-se para dar início à “Confraria da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo”. A Regra é a mesma dos Passionistas, adaptada para os leigos e aprovada pessoalmente por Paulo da Cruz.
- 1765 – 30 ago. Morre João Batista, irmão e companheiro fiel de Paulo da Cruz.
- 1767 – 9 jan. É inaugurada a primeira casa em Roma: “Residência do Santíssimo Crucifixo”. Uma pequena casa com jardim, perto de São João de Latrão.

- 1767 Morando no Convento de Vetralla (VT), Paulo da Cruz padece de grave doença.
- 1769 – 23 nov. Papa Clemente XIV aprova solenemente a Congregação.
- 1770 – 1771 Morando na casa em Roma, Paulo sofre uma nova doença grave.
- 1771 – 3 maio Fundação das Monjas Passionistas e do mosteiro de Tarquínia (VT).
- 1773 – 3 dez. Posse do Retiro dos Santos João e Paulo, em Roma, doado pelo papa Clemente XIV. Paulo da Cruz se transfere para Roma.
- 1774 – 26 jun. Papa Clemente XIV visita Paulo da Cruz no Retiro dos Santos João e Paulo, a quem chama de “meu paizinho”.
- 1775 Recebe a visita do papa Pio VI no Retiro dos Santos João e Paulo.
- 1775 – 18 out. Paulo da Cruz morre em Roma, às 16h45, aos quase 82 anos de idade.
A Congregação conta com 12 conventos e 176 religiosos.
Alguns dias antes, Paulo da Cruz tinha falado: “Deixo a Congregação bem fundada”.
- 1786 Primeira biografia de Paulo da Cruz, escrita pelo Pe. Vicente Maria Strambi, Passionista, bispo e santo.
- 1867 – 29 jun. Paulo da Cruz é proclamado santo pelo papa Pio IX.
- 1880 – 25 abr. Os restos mortais de *São Paulo da Cruz* são transferidos para a capela a ele dedicada na Basílica dos Santos João e Paulo, em Roma, até hoje Casa geral da Congregação Passionista.



IMPRIMATUR

NIHIL OBSTAT

São Paulo, 3 de abril de 1958

Pe. Danilo Della Rosa

IMPRIMI POTEST

São Paulo, 3 de abril de 1958

Pe. Boaventura de Santa Maria

Provincial

IMPRIMATUR

São Paulo, 16 de abril de 1958

Paulo Rolim Loureiro

Bispo Auxiliar e Vigário Geral

NO PÓRTICO

Deste monumento de piedade, que é a vida de São Paulo da Cruz, queremos insculpir estas nossas breves palavras de parabéns ao egrégio Autor e desvelado Tradutor por no-la terem dado e de agradecimento a Deus por havê-la inspirado.

Ademais: uma palavra de conselho aos nossos queridos diocesanos para que leiam este precioso livro.

E ainda: uma bênção aos que isto fizerem.

São Paulo, 15 de abril de 1958.

+C. Card. Motta

PREFÁCIO

Nos praedicamus Christum crucifixum
(Nós pregamos Cristo Crucificado)
(1Cor 1,23)

Eis um santo moderno, mas *plasmado à antiga*, como se exprimiu um grande Pontífice.

A Igreja, Esposa de Cristo, é de uma fecundidade perene. Jamais cessa de gerar novos eleitos e, no decorrer dos séculos, aparecem constantemente em seu firmamento novas estrelas, anjos da terra que ao céu se elevam.

Paulo da Cruz!... O imortal Pio IX o beatificava no dia 1º de maio de 1858 e, aos 29 de junho de 1867, o mesmo Pontífice, com solenidade das mais esplêndidas e memoráveis que o Cristianismo costuma oferecer à piedade dos fiéis, à presença da Igreja universal na pessoa de seus representantes reunidos sob as augustas cúpulas da Basílica de São Pedro, na Metrópole do mundo católico (Roma), ornava com a auréola dos santos o Fundador da Congregação da SS. Cruz e Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo.

E não é este um santo que, desaparecido na obscuridade dos tempos, tenha ressurgido das espessas nuvens do passado, como se costuma dizer. Nem os prodígios de sua vida são frutos exóticos da imaginação de uma piedade exaltada ou de lendas poéticas. Não, seus milagres não são um símbolo, mas pura realidade.

Ele pertence aos nossos dias. Não decorreram, ainda 100 anos desde seu feliz trânsito.¹ Nossos pais puderam vê-lo e ouvi-lo.

¹ Esta admirável biografia foi escrita na segunda metade do século XIX. (Nota do tradutor.)

Em Roma, onde permaneci por muitos meses por ocasião de sua canonização, tive a felicidade de, por assim dizer, ver e abraçar nosso tão querido pai (Paulo da Cruz), no convento dos Santos João e Paulo, ainda perfumado de sua doce presença. Lá está, ora transformada em capela, sua celazinha, testemunha de suas celestes visões. Ao seu lado e em comunicação com ela, o pequeno oratório onde, debilitado pelos anos e trabalhos, oferecia o santo Sacrifício. Podem-se ainda ver o grande Crucifixo que costumava levar às missões e, num mostruário, objetos de seu uso: a túnica, o cinto de couro, as sandálias, os manuscritos (sermões e cartas) e instrumentos de penitência – santas relíquias que nós, seus filhos, conservamos com o duplo sentimento da fé e do amor.

Nesse santuário íntimo, preferia eu celebrar todos os dias a santa Missa e – coisa admirável, que não consegui explicar – nele experimentava a doçura de sua presença muito mais que na basílica onde, sob o altar da esplendida capela que lhe é dedicada, repousa seu corpo, revestido da túnica de Passionista, tendo entre as mãos as santas Regras e sobre o peito o Crucifixo de missionário.

Foi nesse convento, onde pude conversar com diversos padres anciãos formados na vida claustral pelos que se haviam abastecido da seiva dos exemplos e ensinamentos do santo Fundador, que escrevi boa parte desta biografia.

Existem, em língua italiana, diversas biografias de são Paulo da Cruz. Li-as todas. Examinei-as e comparei-as com atenção.

O primeiro biógrafo do Santo foi o venerável Vicente Maria Strambi,² que recebeu de suas mãos o hábito de Passionista, com ele conviveu, assistiu seus últimos momentos e o amou com extrema ternura. Com que

² São Vicente Maria Strambi foi sucessivamente missionário, professor de teologia no convento dos Santos João e Paulo, em Roma, reitor dessa casa, provincial, consultor geral. Em 1801, Pio VII o nomeava bispo de Macerata e Tolentino. Confessor da fé, foi exilado, em 1808, para Novara e, em seguida, para Milão. De volta à sua diocese, empreendeu com novo vigor seus trabalhos apostólicos. Foi chamado muitas vezes a Roma para pregar ao sacro Colégio dos Cardeais. Suplicou por muito tempo a Pio VII que o exonerasse do Episcopado, com a intenção de se retirar entre seus irmãos Passionistas. Leão XII, por fim, o atendeu, mas com a condição de que fosse residir no Quirinale (então palácio dos Papas).

dedicação, com que entusiasmo lhe escreveu a vida! Com que encantos nos apresenta essa alma, com a qual entrelaçara a própria, esse coração, que sentira palpitar sobre o próprio! Não se cansa de contemplar as ações de Paulo, tão puras e tão belas, citando detalhadamente os processos de canonização, já então introduzidos. (Pio VI os fizera começar logo após a morte do santo, mas as revoluções que assolaram a Europa os interromperam). Talvez essa biografia viesse à luz demasiado cedo. Notam-se nela interrupções, repetições, falta de ordem cronológica... Não deixa, todavia, de ser precioso manancial do qual me servi copiosamente.

Os processos, continuados após a morte de Vicente Strambi, proporcionaram-me também numerosos documentos. São grossos *in-folios*, que muitas vezes me confundiram com sua própria riqueza, mas que recompensaram abundantemente minhas laboriosas investigações, oferecendo-me novos fatos de grande importância.

Eis as fontes do meu trabalho, revestidas de todos os caracteres de incontestável autenticidade. Só me resta um temor: o de não ter conseguido, por minha incapacidade, destacar como convinha a doce e maravilhosa figura do Santo.

I

Heroico amante da cruz, como o grande Apóstolo das Gentes; solitário, penitente e de pureza ilibada, como João Batista; louco de amor por Jesus Crucificado e pela santa pobreza, como Francisco de Assis; ávido de sofrimentos e desprezos, como João da Cruz; apóstolo ardente, como Domingos e Inácio; taumaturgo como os maiores santos da Igreja; fundador de uma Congregação religiosa... Eis São Paulo da Cruz.

A caridade devia fazer de Vicente uma vítima. O Papa cai enfermo. O servo de Deus, que o assistia, oferece sua vida pelo Pontífice. Este se restabelece instantaneamente, enquanto alguns dias após, ao primeiro de janeiro de 1824, o santo bispo deixa a terra. Suas sagradas relíquias são veneradas na basílica dos santos João e Paulo, em Roma.

Aos 17 de junho de 1843, Gregório XVI assinou o decreto de introdução da causa de beatificação de dom Strambi. Numerosos foram os milagres que Deus operou pela intercessão de seu fiel servo. Foi beatificado por Pio XI, no ano santo de 1925, e canonizado por Pio XII a 11 de junho de 1950.

Foi no Calvário, nas Chagas adoráveis do Redentor, que ele absorveu esses tesouros da mais sublime santidade.

Imagem viva de Jesus Crucificado, Paulo recebeu suas sagradas chagas no próprio coração, no qual Nosso Senhor gravou *os instrumentos do seu cruel martírio*.

Fiéis, sacerdotes, bispos, cardeais e, principalmente, os Sumos Pontífices honraram-no durante sua vida com a veneração que inspiram os santos.

Assinalaram-lhe o longo apostolado duríssimas provações e a mais admirável fecundidade. A Paixão de Jesus Cristo era o manancial de suas inspirações; gloriava-se de *não saber outra coisa senão Jesus Cristo e Jesus Cristo Crucificado*. Apóstolo poderoso em palavras e obras, arrebatou ao inferno inúmeras almas e conquistou brilhantíssimas vitórias sobre o erro, sobre o vício, sobre o demônio. Curou enfermos, deu vista a cegos, ouvido a surdos, fala a mudos, movimento a membros paralíticos; ressuscitou mortos, aplacou tempestades, penetrou nos segredos das consciências e do futuro. Em resumo, foi revestido desse soberano poder que Deus se compraz em comunicar aos maiores santos.

Sua eloquência tinha repentinos lampejos, gritos d'alma, inspirações divinas. Era muito superior a essa fria e mesquinha retórica que mede o sentimento com régua e compasso. Pertencia à grande escola de apóstolos que elevam e salvam o mundo. Somente a santidade podia dar-lhe essa eloquência que a arte jamais conseguirá. Nada, portanto, mais comovente que a pregação do nosso santo. Relembra o tempo dos Crisóstomos, dos Agostinhos, dos Efrems e dos Vicentes Fêrrer. Falava o missionário aos ouvintes e estes lhe respondiam com gemido e soluços. Armado, por vezes, de instrumentos de penitência, açoitava-se cruelmente, fazendo jorrar o sangue, que, misturado ao de Cristo, vertia sobre as almas, em torrentes de misericórdia e de amor.

“Basta, padre! Basta! Sim, sim, estamos convertidos!”, bradavam de todos os lados. A eloquência do sangue produzia copiosos frutos de salvação, pois muitos eram os que acorriam para ouvi-lo; de toda parte chegavam penitentes para se confessar com ele; apelidavam-no o SANTO, o PAI das almas!...

“É disposição da Providência”, exclama Bossuet, “que para anunciar Jesus Cristo não bastam as palavras, é necessário algo de mais forte a fim de persuadir o mundo empedernido. É necessário falar-lhe a linguagem das chagas, é preciso comovê-lo, pelo sangue”. O próprio apostolado de Jesus Cristo não surtiu real eficácia e fecundidade enquanto, do alto da cruz, não se fez ouvir a voz do sangue: “*Et ego, si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad meipsum*” [Quando eu for elevado da terra, atrairei todos a mim] (Jo 12,32). A palavra pode entusiasmar, mas somente o sangue convence. A arte faz o orador, o sofrimento produz o apóstolo. Eis o poderoso atrativo que arrasta os povos atrás desses humildes missionários, revestidos de grosseira túnica, descalços, cingidos com cinto de couro.

Ouve-se por vezes dizer: “Religiosos trajados desta maneira já não são para o nosso século”. O contrário é que é a verdade. Justamente a este século de orgulho, de sensualismo, de concupiscência, que melhor remédio se poderá opor que o apostolado que fala aos sentidos, o apostolado da humildade, do sofrimento, da pobreza, virtudes a todos manifestas? Não crerá o mundo nas austeridades praticadas pelo apóstolo no recesso de sua cela; mas poderá negar as pegadas sangrentas deixadas nos caminhos pelos seus pés feridos?

Pela Paixão de Jesus Cristo, são Paulo da Cruz conduzia as almas ao mais alto grau da contemplação. Para ele a sagrada Paixão era o princípio, o progresso e o término da vida espiritual, sendo ao mesmo tempo o manancial da purificação da alma e o meio mais rápido para adquirir as virtudes e chegar, enfim, à união com o sumo Bem. Veremos como ele próprio chegou, por este caminho, à mais alta santidade.

Escolhera-o Deus para fundar em sua Igreja uma nova Congregação. Dolorosa e, quase diríamos, assustadora missão! Com efeito, quantas humilhações e padecimentos não teve que tolerar! Quantas lutas! Quantos obstáculos! Que fortaleza e heroísmo de alma, que fé inquebrantável, que virtude constante não eram necessárias, principalmente nessa época em que as Ordens religiosas vinham sendo mal vistas, perseguidas e como que desterradas da civilização!

Quantas vezes, permita-me dizê-lo, quantas vezes, ao escrever estas páginas, ao narrar tantas angústias e agonias, as lágrimas me umedeceram involuntariamente os olhos!

Ó meu Deus! Uma virtude menos sólida certamente teria se entregado ao desespero! Um piloto menos valoroso teria deixado o timão, abandonando navio! Fazia-se necessário uma força sobrenatural. Eis porque Paulo costumava repetir: “O Fundador é o divino Crucificado”...

II

Não nos propusemos a escrever a apologia das Ordens religiosas. Muitas e eloquentes canetas já trataram magistralmente o assunto. Diremos apenas algo sobre a obra do nosso santo.

O religioso Passionista dedica-se ao apostolado da palavra. Não há como negar que, sem o apostolado religioso, lacuna profundamente lamentável haveria no ministério evangélico, quer em relação à glória de Deus, quer no que diz respeito ao bem das almas. Por isso a Igreja, inspirada pelo Espírito Santo, sempre o tem favorecido e defendido com sua autoridade infalível.

Os grandes servos de Deus, particularmente santo Agostinho, procuraram resolver o problema da conciliação da vida contemplativa com a ativa para a salvação das almas e santificação do apóstolo. Com efeito, a vida ativa não está isenta de escolhos: o ministério paroquial, por exemplo, requer do sacerdote uma atividade contínua, expondo-o a duplo perigo: ao isolamento, se quiser se afastar demais das relações externas; ao esgotamento espiritual, se quiser fugir demais do isolamento. A vida puramente contemplativa tem também seu apostolado, sem dúvida o mais poderoso e fecundo, o da oração. Disse-o o Divino Mestre: “Escolheu a melhor parte” (Lc 10,42). Contudo não é este o apostolado propriamente dito de que Jesus Cristo nos dá exemplo em sua divina pessoa e na de seus apóstolos. Ele associou estas duas vidas, e esta vida mista constitui o apostolado próprio do religioso. Quem deseja trabalhar eficazmente na salvação das almas deve antes concentrar-se em Deus. Pela contemplação o apóstolo atrai o fogo do céu, pela pregação o comunica à terra.

A vida ativa cansa a alma, debilita-a, esgota-a, distrai-a, embora não seja ininterrupta. A vida puramente contemplativa, com suas austeridades corporais, rigorosas e contínuas, enfraquece as forças físicas e

subtrai ao corpo o vigor necessário para os labores evangélicos. É necessário um meio termo, que harmonize as duas sem causar-lhes prejuízos, de maneira que uma sirva de contrapeso à outra ou, melhor, de poderosa motivação, que a eleve e anime. Foi o que o divino Espírito Santo inspirou a Paulo da Cruz: muita solidão, muita contemplação, muita mortificação, para alimentar o fogo sagrado na alma; mas sem excesso, a fim de não debilitar o corpo nem lhe diminuir as forças que exige o apostolado. Eis a solução do problema. Eis o Passionista, tal qual o plasma o seu Instituto.

Convém antecipar ao leitor uma observação, antes de lhe descrever a vida de são Paulo da Cruz. É que as austeridades da Regra, mesmo antes de sua aprovação, ficaram muito aquém das que praticava o santo Fundador, pois este, dotado de espírito ardente, por vezes excedia os limites comuns na prática das mortificações exteriores, como ele mesmo confessava no fim de sua vida.

Unindo-se na Congregação a vida ativa à contemplativa, torna-se necessária uma prudente harmonização de austeridade e suavidade. E é isto o que mais chama a atenção nas admiráveis Constituições escritas pelo servo de Deus. Sei por experiência própria (e outros também o experimentaram) que as regras mais delicadas não só conseguem observá-las plenamente, mas chegam mesmo a robustecer-se com seu exato cumprimento.

Passemos a dizer algo sobre o espírito do Instituto.

Perfeita obediência ao Papa; humilde reverência aos Bispos; grande respeito aos sacerdotes e aos párocos, com escrupuloso cuidado em acatar suas atribuições; prudência na fundação de novas casas, para, longe de debilitar a ação do pastor, prestar auxílio ao seu zelo: eis o desejo do santo Fundador.

As obras de Deus jamais se hostilizam entre si. Muito pelo contrário, auxiliam-se mutuamente. A história aí está para demonstrar sua indissolúvel união. Jamais a perseguição feriu o clero regular sem que viesse em seguida a ferir o clero secular. Depois dos mosteiros, a Igreja; depois do monge, o vigário. Exército de Deus, unamo-nos contra o exercito de satanás.

A alma do Instituto é o pensamento contínuo da Paixão de Jesus Cristo. O religioso Passionista está sempre com Maria ao pé da cruz, para meditá-la, imitá-la, pregá-la: *Passioni stat*.

A Paixão!... É muito importante saber que ela não oferece ao espírito, e muito menos ao coração, horizontes limitados. É um oceano sem fundo e sem praia! É o infinito!

A Paixão não começa propriamente no horto das Oliveiras nem termina no Calvário. Desde o primeiro instante da Encarnação, dizem os santos, teve início a longa agonia do divino Redentor; e sempre tem havido e sempre haverá Judas, Pilatos e Judeus para perpetuarem as sangrentas cenas do Getsêmani, do Pretório e do Gólgota.³

Vai o Passionista evangelizar os povos sempre acompanhado de uma grande imagem do Crucifixo, que coloca a seu lado no palco. Pela manhã, começa sua instrução com um pensamento sobre a sagrada Paixão e, à noite, após o sermão sobre as verdades eternas, encerra seu dia de apostolado com a meditação sobre uma passagem da mesma.

Ser apóstolo é adaptar-se à capacidade de todas as inteligências, evangelizando indistintamente cidades, vilas ou povoados, claustros, hospitais e prisões, povos cultos e analfabetos... onde quer que haja uma alma para salvar! Eis a preparação imposta ao Passionista pela sua Regra. Regra inspirada por Deus ao Fundador, como veremos.

Mas qual a utilidade desta nova Congregação?

Além dos três votos comuns a todos os Institutos religiosos, pronuncia o Passionista um quarto voto: de propagar no coração dos fiéis a devoção à sagrada Paixão de Jesus Cristo. Quando o ilustre Pontífice Bento XIV aprovou as Regras escritas por São Paulo da Cruz, ao considerar atentamente este quarto voto, exclamou: “Esta Congregação é a última a aparecer, quando deveria ter sido a primeira”.

Ah! Venerável Sucessor de Pedro, não virão, porventura, tempos em que os cristãos hão de esquecer que são discípulos de um Deus crucificado? Tempos em que, adorando a um Deus coroado de espinhos, coroar-se-ão de rosas? Tempos em que nada mais se estimará e desejará no

³ “Cristo estará em agonia até a consumação dos séculos.” Pascal. (Nota do tradutor.)

mundo senão o luxo, o prazer, o ouro? Não virão tempos em que a humanidade decrépita há de se tornar totalmente indiferente em matéria de religião, de tudo zombando: da ciência, da eloquência e da apologética? Lançarão os sábios raios de luz sobre o erro; os oradores exaurirão todos os recursos do gênio; destruirão os dialéticos todas as armas do sofisma; mas nada será capaz de comover as almas degeneradas. Pois bem, urge apresentar o divino Redentor com suas lágrimas, com seu sangue, com suas chagas palpitantes, com seu Coração aberto. Sim, eis como se há de apresentá-lo a este século, tão miserável por uma parte, que chega até aos confins do desespero, por outra tão soberbo que se irrita contra a justiça de Deus, levantando, como o espírito do orgulho, a cabeça altiva para blasfemar contra o raio que justamente o fere. Eis o Senhor crucificado, a misericórdia infinita, maior que todos os crimes! Eis o Amor!... Quem resiste ao amor não possui coração.

Graças a Deus, por mais depravada que seja a alma humana, sempre nela permanece uma centelha de ternura. Depositemos sobre ela as brasas do divino amor, do amor crucificado e ver-se-ão prodígios. Com efeito, que maravilhas não opera nas almas a recordação da Paixão de Cristo! Para junto da cruz que se devem chamar os soberbos, os pecadores, os próprios incrédulos. E do amor nascerá a fé.⁴

III

Provas autênticas da missão extraordinária de São Paulo da Cruz são os milagres que Deus operou por seu intermédio, milagres estupendos, que recordam os dos maiores taumaturgos. Nada queremos ocultar nesta

⁴ Dizia-nos em Paris, onde temos uma casa da Província Inglesa, um dos mais ilustres arcebispos da Inglaterra: “São os Passionistas os verdadeiros apóstolos da Inglaterra. Parece que foram criados e colocados no mundo para esse pobre reino. Os protestantes ingleses experimentam grande atrativo pelas suas pregações sobre a Paixão de Jesus Cristo. Eis porque os vossos padres conseguem levá-los em grande número para o grêmio da Igreja Católica”.

Com imenso prazer de nosso coração, nós mesmos pudemos verificar, em França, Espanha e América, que nossas humildes pregações, embebidas no Sangue do Redentor produzem frutos admiráveis. Um pároco, em cuja igreja pregáramos as santas missões, escrevia-nos: “Esta Quaresma foi toda Passionista. Preguei sobre a sagrada Paixão e obtive na Páscoa frutos extraordinários”.

biografia. Reproduzimo-los com toda simplicidade, como se encontram nos processos de canonização, pois foram discutidos e aprovados pela maior e mais esclarecida autoridade desta terra...

A vida dos grandes santos, sua influência sobre as almas e especialmente os princípios do Cristianismo não se explicariam sem o milagre. Ocorre naturalmente a dúvida, insolúvel para o homem que reflete: Como pode alguém praticar tão austeras penitências, superiores às forças da natureza, sem ter íntimas comunicações com o céu? Como explicar esse entusiasmo das almas, essa atração irresistível dos povos para com os santos, senão por causa dos prodígios ou, pelo menos, da graça que produz, por intermédio desses poderosos apóstolos, os maiores milagres na ordem moral? Com efeito, como explicar essas notáveis conversões a simples voz de um homem; essas repentinas mudanças dos prazeres para as maiores austeridades, da opulência para a mais perfeita pobreza, do egoísmo para o mais heroico sacrifício? "*Haec mutatio dexteræ Excelsi*" [Esta mudança é obra do Altíssimo].

É o milagre uma das maravilhas do amor e da misericórdia de Deus e, ao mesmo tempo, poderoso auxílio da fé. O milagre é a mão de Deus manifestando-se ao homem sob o véu do prodígio. Por ele entrevê o homem a Deus, sem se espantar nem se sentir oprimido pelo peso de sua infinita majestade. Sem dúvidas, por vezes o milagre aterra, como vemos no Evangelho, mas não rompe o equilíbrio do mundo moral. Não subtrai ao homem a liberdade: está em seu poder o dar-se ou não a Deus, merecer ou desmerecer. O milagre, assim como a graça, não impele, atrai. Os corações dóceis rendem-se à sua luz; os soberbos, ao invés, revoltam-se, exasperados, empedernindo-se no mal, como Faraó e tantos outros. E para descartar-se do milagre, que lhes perturba a consciência manchada e confunde o cego orgulho, preferem, como os fariseus, atribuí-lo a satanáas. Mas de onde nascem essas reiteradas impugnações contra os prodígios divinos senão de serem eles a prova evidente da verdade católica? Deus é o autor dos milagres. Pode ele operá-los para confirmar o erro? Certamente não. Somente o Cristianismo foi assinalado por esses admiráveis portentos; logo só ele é o depositário da revelação divina. Não podendo os ímpios suportar a verdade, que lhes declara guerra às paixões, negam-lhe este selo divino. Repudiam sumariamente o milagre,

preferindo viver em contradição com a crença de todos os povos, inclusive a dos grandes gênios, como foram os Crisóstomos, os Ciprianos, os Agostinhos, os Bossuets etc.

A exemplo dos historiadores, que são a glória dos nossos dias, nada calamos nem diminuímos na vida de São Paulo da Cruz. Preterir esses fatos maravilhosos seria tirar à flor o seu perfume, aos mistérios celestes o seu inefável encanto. Vacilar pelo pusilânime temor dos vãos sarcasmos dos sofistas seria desrespeitar a Deus, aos santos e aos próprios homens, aos quais a maldade dos tempos chega a velar a verdade. Não deixou Jesus de operar prodígios, muito embora soubesse que deles se haveriam de escandalizar e por eles o haveriam de caluniar os fariseus; e continua a operá-los na Igreja e no mundo todo. Calar, dissimular os prodígios divinos não seria envergonhar-se do Mestre? Suprimir o sobrenatural da vida dos santos seria subtrair-lhes o que há de mais resplandecente na sua coroa de glória.

Além do mais, não é raro verem-se homens incrédulos abrirem os olhos à luz, ao lerem narrações autênticas das obras do poder divino. Não devemos, portanto, descuidar de nenhum meio para lhes comunicar a paz e a esperança que a fé nos proporciona.

No século XVIII, enquanto Voltaire zombava do sobrenatural, operavam-se os prodígios que vamos referir; pois, quanto mais o espírito humano se revolta contra os prodígios do alto, tanto mais se compraz Deus em multiplicá-los para o triunfo da verdade.⁵

⁵. Coisa singular! Voltaire, o mais cruel e implacável inimigo que Jesus jamais teve no decorrer dos séculos, nasceu um mês e meio após São Paulo da Cruz. Aquele foi instrumento do demônio para mover guerra a Cristo, destruindo com suas envenenadas produções literárias, os fundamentos da fé e induzindo multidão incalculável de pessoas a negar os mistérios da Redenção; Paulo foi o apóstolo zelosíssimo que, com seus suores, sua abnegação sem limites, com estupendos milagres, recordou ao mundo as dores, as afrontas e o amor infinito do divino Crucificado, conduzindo assim inúmeros pecadores obstinados aos pés do Redentor. Voltaire, com suas sátiras e ímpias seduções, arrastou para trás dele, num plano de guerra à virtude e à moral, muitos literatos da época, que com seus escritos propagaram o ódio ao Cristianismo. Paulo reuniu, também, em torno a si, santos e zelosos companheiros, os quais, secundando seus desígnios de apóstolo, reconduziram ao Senhor os corações que dele se haviam afastado. Voltaire, animado pelo espírito diabólico, trabalhou para materializar os homens, incitando-os aos gozos brutais de todos os apetites da

IV

Os que negam os milagres negam também os heróis de santidade e dizem: já se não veem santos como outrora!

Não admiram tais palavras. Garantem os Santos Padres que, por vezes, fulgores divinos jorravam do semblante do Salvador. E os corações de boa vontade, por pecadores que fossem, reconheciam-no como Deus, ao passo que os maldosos, particularmente os adoradores de si mesmos, não viam em Jesus Cristo senão um homem como os demais. Para aqueles era o Filho de Deus, para estes não passava do filho do Carpinteiro. O mesmo se dá com relação aos santos. Ocultam-se aos olhos dos homens, envolvendo-se nos véus da humildade; mas quando a luz divina os invade, espancando as sombras, só as almas bem dispostas os compreendem. Como para os esplendores da fé, faz-se necessário aí o que chamaríamos de sexto sentido.

“Já não se vêem santos que operem milagres!”, dizia-se no tempo do Santo Cura d’Ars. No entanto o humilde pároco curava os enfermos, revelava os segredos das consciências, predizia o futuro, expelia os demônios!...

Sim, ainda há e sempre haverá tais santos, porque sua tríplice missão de ensinar a verdade, de consolar os que sofrem e de expiar os pecados dos homens é indispensável na terra. Haverá, porventura, diminuído o poder de Deus ou a virtude da Cruz que transformou a humanidade?

Paulo da Cruz entregou-se inteiramente a Jesus Crucificado e Jesus Crucificado o fez um de seus santos mais ilustres. Nele veremos a esplêndida harmonia entre a natureza e a graça, assim como, sem descuidar os dons naturais, soube corresponder ao chamamento divino. Verdadeiramente admirável é o espetáculo de uma alma, como nós ferida em sua

carne e à absoluta e total independência de toda autoridade. Paulo, com suas extraordinárias penitências, com seu total despreendimento de todas as criaturas, pregou ao mundo a mortificação dos sentidos, a submissão às leis divinas e humanas e a destruição do pecado. Ainda mais: para melhor manifestar como Deus elegera a este seu apóstolo para contrabalançar a influência dessa escola de impiedade, que reconhecem em Voltaire seu guia e mestre, Paulo da Cruz foi receber no céu o prêmio de suas heroicas virtudes senão depois que o orgulhoso *inimigo pessoal de Cristo* terminou sua vida cheia de iniquidades com morte de réprobo. Dir-se-á, talvez, que são casualidades. Quem poderá, todavia, compreender os desígnios da Providência?

origem, que se eleva, pela generosidade do sacrifício, à vitória, à fecundidade da fé, às sublimes alturas da caridade, chegando mesmo a refletir, ainda aqui na terra, a encantadora beleza dos eleitos já coroados no céu! Que consolação e que esperança para todos nós! Se Deus chega a transfigurar os seus santos nesta terra, ante nossos olhares, não nos será lícito exclamar: eis o que nós também seremos um dia?

V

A biografia de um santo não é um livro de literatura, mas de piedade. Deve, pois, ser escrita com fé e amor, com alma e coração. O leitor, por sua vez, deve compenetrar-se desses sentimentos e nela procurar, não a satisfação da vã curiosidade, mas o puro alimento para seu espírito; não emoções passageiras, mas impressões duradouras e eficazes, absorvendo o que convém à sua alma, ao seu estado, a fim de corresponder às graças recebidas do céu.

Nem tudo é imitável nos santos. Cada qual foi destinado por Deus para uma determinada missão. E as graças celestes são proporcionadas à missão recebida. Na vida de são Paulo da Cruz há muito que admirar e que descrever: suas virtudes cristãs, para serem imitadas pelos simples fiéis; suas virtudes religiosas, para estímulo das almas consagradas a Deus; suas virtudes apostólicas, para modelo dos sacerdotes e missionários.

Eis o plano principal desta obra. Secundariamente, porém, nos oferecerá, outrossim, exemplos preciosos: as mães cristãs poderão compenetrar-se na nobre missão que receberam de Deus de santificar seus filhos; as jovens piedosas encontraram conselhos práticos para se preservarem dos perigos do mundo e progredirem nas virtudes; as almas desoladas, provadas por tentação ou pelo *inexorável tédio da vida humana*, hão de recobrar ânimo; os pecadores, ao lerem as generosas e sinceras conversões, animar-se-ão, a confiar em Deus, sempre misericordioso; todos, enfim, hão de ver que o Calvário é *o verdadeiro caminho que leva para o céu*.

Agradecendo a Deus, “autor de todo dom perfeito”, admiremos as surpreendentes e extraordinárias operações da graça, a beleza desses caminhos sublimes e das manifestações divinas. Mas não ambicionemos tais

favores; porque, se compreendêssemos o martírio que causam aos santos essas gloriosas, porém tremendas manifestações, só o pensar nelas causaria espanto e temor à nossa debilidade.

Na vida dos santos, aqui na terra, nota-se um desequilíbrio entre o natural e o sobrenatural: o amor, demasiado forte para a natureza frágil, se torna para eles um tormento, como teremos ocasião de observar em São Paulo da Cruz. Tormento com relação a Deus, pois a alma, a quem é dado contemplar a eterna formosura, sente-se violenta e irresistivelmente atraída pelo sumo Bem e, ao mesmo tempo, presa pelas duras cadeias desta vida mortal. Daí essas elevações e arrebatamentos, voos da alma que, em seus veementes anseios para se unir a Deus, arrasta consigo o corpo; daí esses êxtases, seguidos frequentemente de desfalecimentos amorosos sob o peso de suas inefáveis delícias, estado inexplicável da alma amante, causado pela ausência do objeto amado. Tormento também com relação aos homens. Quem pode penetrar os sofrimentos íntimos da alma de um santo? Vê-se ela desterrada; este mundo lhe é como uma terra estranha, cuja linguagem desconhece.

Enfim, se tratando de apóstolos – e é o caso do nosso santo – com que ardor não desejam eles entregar a Deus todos os corações!... Ao verem, porém, que os homens resistem à graça e ao seu zelo, que duvidam do que eles creem com fé esclarecida, que as almas correm para a perdição eterna, quão imensa não é sua dor por não poderem levar a Deus o mundo inteiro! Estas angústias só se podem comparar às de um coração materno, que vê seu filho precipitar-se num incêndio, sem poder salvá-lo.

Daqui procede a eloquência dos santos, que em nada se parece com nossos frios conceitos, com nossa pobre linguagem.

Que palavras inflamadas não devia ter Paulo da Cruz para manifestar os ardores que lhe abrasavam a alma, depois de ter contemplado em tão frequentes visões as realidades de um mundo superior?

Não invejemos nos santos as sublimes manifestações do céu. É mais agradável e mais seguro pôr-se ao amparo da sombra acolhedora da fé e dos mistérios suavíssimos dos Sacramentos. A fé e os Sacramentos são a invenção mais admirável do poder divino, a harmonia mais suave e inefável da graça com a natureza. Neles, Deus se manifesta a nós como

no crepúsculo para não nos deslumbrar e se revela como através de ténue véu, sem afetar a delicadeza do ser humano e, na frase de Bossuet, *nos faz o bem sem o percebermos*.

VI

Julguei necessárias estas reflexões para facilitar a leitura da presente biografia. Deus sabe quanto desejo reproduzir na minha narração a alma do apóstolo e quanto amor quisera inspirar para com esta arrebatadora figura, fazendo-a reviver, encarnando-a nestas páginas, embora pálidas e descoloridas.

Confesso que muitas vezes, no decurso desta história, ao considerar a grandeza do meu empreendimento e, por outra parte, a minha deficiência, bem como a falta de tempo em razão dos meus ministérios apostólicos, dificilmente consegui vencer o desalento que de mim se apoderava. Todavia, a oração e a obediência sustentaram-me o ânimo. Por vezes, um olhar à cruz me fazia voltar ao trabalho. Outras, prostrando-me de joelhos, dizia: “Oh! Jesus Crucificado! Visto como devo escrever a vida de um santo que tanto se esforçou pela vossa glória, olhai para a minha pobreza, para a minha miséria!... Escrevei vós mesmo, Senhor, ou permiti-me, pelo menos embeber a pena em vosso Coração, inesgotável tesouro de graça, donde brotam as inspirações da fé!... Vosso divino Pai será glorificado, será exaltada vossa cruz e, talvez, alguma alma será consolada!... Queira, Senhor que o Instituto da vossa Paixão possa iluminar os povos e nações onde ele estiver presente! Que os filhos da vossa Cruz, com suas palavras, sacrifícios e exemplos, estimulem as almas a se consagrarem inteiramente ao vosso amor e consigam a glória bem-aventurada que lhe merecestes com o vosso precioso Sangue”.

O Autor.

ABREVIACÕES

- A. Cis. Acta Congregationis SS. Crucis et Passionis D. N. J. C. (ano e página). Revista interna oficial da Congregação Passionista.
- Boll. Bolletino della Congregazione della SS. Croce e Passione di N. S. em língua italiana.
- Lt. Lettere di S. Paolo della Croce, isto é, Cartas de São Paulo da Cruz reunidas e anotadas pelo Pe. Amadeu Passionista, editadas em 1924, em 4 grossos volumes (volume e página).
- OAM. Oraison e Ascencion Mystique de St. Paul de la Croix, Louvain, 1930 (página).
- PAM. St. Paul de la Croix Apôtre o Missionaire (página).
- PAR. Processo Apostólico de Roma (página).
- PO. Processo de Orbetello (página).
- POV. Processo ordinário de Vetralla.
- POR. Processo ordinário de Roma (página).
- S. 1 Sumário dos Processos ordinários (página e parágrafo).
- S. 2 Sumário dos Processos Apostólicos (página e parágrafo).
- VS. *Vida de São Paulo da Cruz* escrita por Vicente Maria Strambi, em italiano, edição de 1786 (página).

CAPÍTULO I

1694-1709

Nascimento de Paulo

A bela e fecunda Itália, berço de tantos santos, foi a pátria de São Paulo da Cruz.

Nasceu em Ovada, república de Gênova, em 3 de janeiro de 1694.

O pai, Lucas Danei, natural de Castellazzo, diocese de Alexandria, era de família tradicionalmente ilustre, mas decaída do antigo esplendor.¹

A mãe, Ana Maria Massari, descendia igualmente de nobre linhagem. Sua terra natal foi Rivarolo, na república de Gênova, mas desde a infância vivia com a família em Ovada.

Aí também se estabelecera Lucas, ainda jovem, na casa de um tio sacerdote, pe. João André Danei.²

Realizou-se o enlace matrimonial do virtuoso casal em 6 de janeiro de 1692.

Modelo perfeito de união conjugal, mais cobiçosos dos bens imorredouros do Céu que das efêmeras riquezas da terra, buscavam em honrado comércio³ o necessário para o sustento da numerosa prole.

¹ S. 1. 48 § 32.

² A 25 de fevereiro de 1685, casara-se Lucas em primeiras núpcias com Maria Catarina De Grandis, sobrinha do Arcipreste de Ovada, a qual vinha a falecer aos 14 de agosto de 1690, sem deixar filhos.

³ A família Danei possuía algumas terras em Castellazzo (S. 1. 45 § 5). O Pe. Antônio Danei, irmão de São Paulo da Cruz, diz que quando o pai morava em Cremolino tinha um pequeno negócio (S. 1. 44 § 1). O nosso santo numa de suas cartas se diz “filho de um pobre *tabaqueiro*” (Lt. I, 200). Em Ovada ainda hoje se indica o lugar onde Lucas teria tido um negócio de fazendas (Mem. dei Primi Campagni, pág. 14-15); outros afirmam que era vendedor ambulante.

Homem virtuoso e devoto, Lucas encontrava suas delícias na prece, na leitura de livros edificantes, nomeadamente nas biografias dos santos.

Ah, se todos os pais lhe seguissem o exemplo! Nessas fontes hauria virtudes tão sólidas que por Deus houvera sacrificado os mais caros interesses, as mais puras afeições, a própria vida, enfim. Apesar dos compromissos de esposo e pai, aspirava ao martírio.⁴

Para com o próximo era justo, bom e indulgente; no leito de morte, coroa sua vida com um ato da caridade mais heroica.⁵

Igual fisionomia espiritual, realçada com os suaves atrativos de esposa e mãe, encontramos na incomparável figura de Ana Maria.

Humilde, recatada e piedosa, vivia para o lar e para a Igreja, repartindo seu tempo entre Deus e a família.⁶ Dedicava-se às lides domésticas e à educação dos filhos como a dever sagrado.

De paciência inalterável, reprimia qualquer sentimento de revolta e, ao invés de irromper em palavras de censura, seus lábios tão meigos só sabiam proferir esta expressão de bênção: “Que Deus vos torne santos!”⁷ Doçura tão constante granjeou-lhe o afeto de quantos dela se acercavam. Foi a mulher forte de que falam as Letras Sagradas. Ao falecer-lhe o esposo, em agosto de 1727,⁸ suportou sozinha e sem queixa, apesar das contínuas enfermidades,⁹ o peso da numerosa família.

Modelo de perfeição, entregou a alma ao Criador em idade avançada, indo receber o prêmio de suas virtudes em setembro de 1746.¹⁰

Um documento do Vicariato de Roma endereçado ao próprio Paulo em 1726, aludindo ao seu nascimento, diz ter ocorrido acidentalmente fora do domicílio habitual da família por aí se achar Lucas *ratione mercaturae*, isto é, por comércio (Boll. 1928, p. 117).

4. POR. 2148.

5. S. 1. 49 § 36.

6. D. A. Francisco Lamborizio depõe: “D. Ana era senhora humilde, devota, sem luxo e tida por todos como uma santinha” (S. 1. 52 § 50).

7. S. 1. 56 § 64.

8. Lt. I, 90.

9. S. 1. 56 § 64.

10. Lt. II, 549.



Estas as plantas eleitas de onde desabrochou flor tão pura, cujo aroma de santidade vamos aspirar.

Dezesseis filhos, preciosas dádivas do Céu, vieram alegrar o coração daqueles santos pais.

É comum entre famílias numerosas que Deus costume escolher os privilegiados de sua graça.¹¹ Paulo foi o primogênito, se não levamos em conta uma irmãzinha que o precedeu, mas viveu apenas três dias. Nesse amado filho pressentiam os pais desígnios extraordinários.

Todo o tempo que o trouxe em suas entranhas, jamais sentiu a mãe os sofrimentos que precedem a maternidade.¹² Seu nascimento foi assinalado de circunstâncias extraordinárias. Sendo noite, luz maravilhosa inundou o quarto com resplendor tão vivo que as lâmpadas pareciam apagadas.¹³ Paulo será a luz radiante que há de dissipar as trevas em que jaz o século XVIII. Veio ao mundo no dia da oitava da festa de São João Evangelista; como este, há de permanecer em espírito ao pé da cruz.

Foi batizado no dia da Epifania, que quer dizer “manifestação de Jesus”. E ele manifestará ao mundo, pela pregação, os mistérios do Redentor. Recebeu o nome de Paulo Francisco. Como o Apóstolo das gentes, será o missionário de Jesus Crucificado e, a exemplo do excelso patriarca, fundará uma Congregação alicerçada na mais rigorosa pobreza.

Mulher prudente e cristã, quis Ana Maria alimentar com o próprio leite o filho pequenino, e este, com o leite, recebeu a piedade materna. Bem cedo deu claríssimas provas do que viria a ser um dia. Como se já possuísse o uso da razão, alimentava-se apenas de quatro em quatro horas,¹⁴ indício da grande abstinência que guardaria mais tarde.

^{11.} S. 1. 45 § 6.

^{12.} Assim o depõe o Pe. Anônio Danei, que diz te-lo ouvido muitas vezes da boca de sua mãe (S. 1. 45 § 3).

^{13.} São Paulo da Cruz numa de suas cartas diz ter nascido “pelo nascer do sol” (Lt. I, 166). Não quisemos alterar o texto, porque esse fato é referido por São Vicente Strambi, testemunha autorizadíssima (VS. p. 2) e as palavras um tanto vagas da carta facilmente se lhe podem acomodar.

^{14.} S. 1. 45 § 6.

Sua infância

É no berço que o homem se forma para a virtude ou para o vício. Cumpre à mãe moldar a alma e as inclinações do filhinho para o bem, dando-lhe sólida educação religiosa, que permanecerá por toda a vida. Ana Maria, percebendo a extensão da imensa responsabilidade, pôs todas as suas virtudes a serviço desse altíssimo dever: elevação de inteligência, delicadeza de sentimento, bondade e energia, unção e piedade, mas, sobretudo, grande fé em Deus.

Com que solicitude zelou pelo tesouro que o Pai celeste lhe confiara!

Com que cuidado lhe depositou no coração pequenino a semente de todas as virtudes! Tinha-o sempre ante os olhos e se esmerava por afastar dele tudo o que pudesse encobrir-lhe a candura. E Paulo levará ao túmulo a inocência batismal!

Ensinava-o a conhecer, amar e servir o Pai celeste, narrando-lhe a vida dos santos anacoretas. E como estava intimamente unida a Deus, sabia dar às palavras tais acentos e tal expressão que o menino a ouvia com o maior interesse. Foi assim que nasceu nele esse amor à solidão, que se tornou a característica de sua vida.¹⁵

Falava-lhe da Paixão e Morte de Nosso Senhor, e nos olhos puros do pequeno borbulhavam lágrimas. Se, ao penteá-lo, Paulo se punha a chorar, como fazem geralmente as crianças, contava-lhe algum fato da vida dos santos, e era visível o pequeno passar do pranto à mais viva atenção, ainda conservando nos olhos as últimas lágrimas.

Outras vezes lhe colocava nas mãos o crucifixo, dizendo: “Vê, meu filho, quanto Jesus sofreu por nosso amor!”¹⁶ E ele, fitando a devota imagem, como por encanto, deixava de chorar.

A santa mãe consagrara-o à Rainha das Virgens.¹⁷ Dizia-lhe também repetidas vezes da obediência e docilidade do Menino Jesus e da ternura de Maria Santíssima, o que lhe despertava singularíssima devoção para com eles.

15. S. 2. 58 § 11.

16. S. 2. 59 § 17.

17. S. 1. 44 § 2.

E Paulo, de joelhos, mãozinhas postas ante suas imagens, comprazia-se em dirigir-lhes breves orações.¹⁸

Essa esmerada educação materna foi corroborada pelos exemplos do virtuoso pai. A lembrança de mãe tão santa permanecerá indelével na alma agradecida de Paulo Francisco, até ao final de sua longa existência. Dela discorria frequentemente em público, comovido, propondo-a como exemplo. Mais tarde diria: “Se me salvar, como espero, devo-o à educação que recebi de minha mãe”.¹⁹

Felizes os pais que assim educam para Deus os seus filhos!

Crescendo Paulo em idade, crescia também na virtude. Desenvolvia-se-lhe natural tendência à solidão, à prece e à penitência, enquanto começava a revelar caráter brando e afável, talhado para a conquista dos corações. Fugia dos divertimentos infantis e, com seu irmãozinho João Batista, que, como veremos, lhe foi companheiro fiel nos labores apostólicos, entretinha-se em construir altazinhos, adornando-os com flores e imagens do Menino Jesus e da Santíssima Virgem. Ali passava horas e horas recitando o terço, devoção que conservou até a morte.

Certa vez, enquanto oferecia essa prova de amor à Rainha do Céu, apareceu-lhe uma criança de encantadora formosura. Era Jesus, que se dignava recompensar, assim, a ternura que Paulo lhe votava.

Maria Santíssima também lhe manifestou de modo extraordinário, bem como a João Batista, sua materna proteção. Enquanto colhiam flores às margens do rio para ornamentar o altar da Virgem, ambos escoregaram e caíram no rio Olba.²⁰ As águas eram profundas e com cor-

^{18.} S. 1. 46 § 9.

^{19.} S. 1. 56 § 64.

^{20.} Todos os melhores biógrafos do santo narram este fato. Enquanto, porém, são Vicente Strambi (p. 6) e pe. Filipe (ed. 1821, p. 10) dizem ter acontecido no Tânaro, pe. Bernardo Silvestrelli em suas *Memórias dos primeiros companheiros* (p. 16) e pe. Pio (p. 12) afirmam ter sido no Olba. Pe. Paulo José (p. 6) e pe. João Maria de Santo Inácio, na vida do ven. pe. João Batista, irmão do santo (p. 2), atestam simplesmente que, tendo caído os dois irmãos nas águas, quando estavam para se afogar, apareceu-lhes uma belíssima Senhora que os livrou da morte.

O Olba é um ribeiro que corre entre Ovada e Cremolino. As duas povoações distam 4 a 5 quilômetros entre si.

renteza. Paulo e João Batista estavam prestes a perecer... quando, de repente, veem uma senhora de sobre-humana formosura e majestade que, caminhando sobre as águas, lhes estende a mão e os livra da morte. Graça tão assinalada inflamou mais e mais o coração de Paulo no amor e no reconhecimento para com a sua libertadora e para com aquele divino Menino, cuja beleza o encantara.

Devoção à sagrada Paixão

Em idade muito tenra, comunicou-lhe Deus grandes luzes, o dom das lágrimas e da oração.²¹ Embora desconhecesse o método de meditar, guiado pelo espírito de Deus, fazia frequentes e longas reflexões sobre a Paixão de Nosso Senhor, em que tanto o exercitara a piedosa mãe. Ana Maria, talvez sem o saber, preparava o caminho para os desígnios de Deus em relação a Paulo, ao inspirar-lhe tal devoção. Ele tinha sempre diante dos olhos a imagem de Jesus Crucificado, considerando os cruéis padecimentos do Redentor, enquanto as lágrimas lhe corriam abundantes. Jesus em pessoa ia preparando-o suavemente para uma missão providencial. Fazia com que seus padecimentos fossem atrativos irresistíveis para o coração de Paulo, começando, a partir daí, a distraí-lo com frequentes visões sobre sua vida, suas dores e sua morte. Apareceu-lhe certa vez com a cabeça coroada de espinhos, o rosto ensanguentado, as carnes maceradas!... Tão forte foi a impressão causada no bem-aventurado menino que, ao recordá-lo, experimentava extrema tristeza. Não é, portanto, de estranhar que começasse desde os mais verdes anos a amar os sofrimentos. Mortificava o gosto e martirizava o delicado corpo. De noite deixava a cama e deitava-se sobre

Dos registros de batismos e óbitos consta que a família Danei, desde 1701 a 1708, com exceção de um breve período em 1704, morou em Cremolino. Em Ovada conservava nesse tempo o negócio de fazendas e de outros objetos. Mas lá estavam os parentes de Ana Maria.

O caso teria acontecido no lugar chamado ainda hoje “Palâncola dei Carlini”.

21. De seu irmão João Batista, criança ainda de oito anos, conta Paulo que “se levantava de noite... para rezar pelo espaço de três e mais horas” (S. 2. 58 § 12). Ora, quem pode crer que ele, um ano mais velho, continuasse na cama ou fizesse menos que o irmão? Três horas e mais de oração... mesmo no inverno!... Pode isto dar-se um dom particular de oração?



uma tábua, para assemelhar-se ao Salvador, que na agonia teve por leito o madeiro da cruz. Com frequência, no silêncio da noite e sempre de joelhos, meditava os cruéis padecimentos de Jesus. Às sextas-feiras, principalmente, entregava-se a muitos rigores, absorto nos tormentos do Homem-Deus. Assentava-se à mesa, triste, pálido e com lágrimas nos olhos. Conseguia-se a custo fazê-lo comer um pedaço de pão, que banhava com suas lágrimas.²²

João Batista aprendera com Paulo a amar as austeridades e a oração. Eram vistos sempre juntos na prática das mortificações mais rigorosas. A Paixão de Nosso Senhor era o pensamento quase contínuo do nosso santo. Reunia muitas vezes os irmãozinhos e lhes falava da Paixão com vigor e unção verdadeiramente singulares em tão tenra idade.²³ Seus jovens ouvintes comoviam-se ao vê-lo chorar, chorando com ele. Assim, pela penitência e pela prece, preparava em seu coração um santuário ao Deus da Eucaristia, que em breve iria receber pela primeira vez. A mãe não se descuidava de enviá-lo ao catecismo paroquial, impondo-se o dever de repetir ao filho aquelas verdades da fé. Não se tem cabal certeza da época em que Paulo recebeu pela primeira vez a sagrada Comunhão. Acredita-se, no entanto, que logo após ato tão solene foi enviado pelos pais a Cremolino para terminar os estudos, pois é certo que então se achegava repetidas vezes à sagrada mesa, com fervor angélico.²⁴ Embora nos faltem documentos, é fácil conjecturar ter Deus favorecido com graças notáveis essa alma privilegiada em dia tão memorável, crescendo Paulo, a partir daí, de virtude em virtude, jamais cessando de marchar com enormes passos pelo caminho da santidade.

^{22.} É verdade que sua irmã Teresa nos conta estas coisas como acontecidas em Castellazzo. Como, porém, Paulo demonstrou desde pequenino grande espírito de penitência, podemos crer já assim procedesse de longa data.

^{23.} S. 1. 46 § 12.

^{24.} Infelizmente, nenhuma notícia temos acerca da primeira Comunhão do nosso santo. Mas pelo depoimento de seu irmão José, segundo o qual os pais continuamente os exortavam a frequentar os santos Sacramentos (S. 1. 50 § 37); pelo fato de terem em Ovada um tio sacerdote, pe. João André, padrinho de Paulo, e pela rara piedade do jovem, podemos concluir que deve ter sido admitido bem cedo ao Banquete Eucarístico.

A Eucaristia será sua felicidade e sua força. Ela irá preservar esse lírio de toda e qualquer mancha. O Tabernáculo será a torre inexpugnável onde Paulo resguardará a virtude.

Seus primeiros estudos

Tinha o nosso santo cerca de dez anos. Lucas, notando no filho inteligência lúcida e memória feliz, resolveu confiar-lhe sua educação a mestre virtuoso. Incumbiu, pois, de tão delicada missão um amigo seu religioso, carmelita de Cremolino.²⁵

A docilidade do discípulo, sua inteligência, a aplicação ao estudo e à piedade, conquistaram a simpatia do mestre. Esmerou-se este na instrução e educação do aluno, levado por suas qualidades e pela amizade que o unia a Lucas Danei.

Paulo Francisco correspondeu às solitudes do mestre e às esperanças do pai, sobrepujando os progressos nos estudos além do que se podia esperar de sua idade.

Diz São Vicente Maria Strambi:

Não há dúvida que os dotes naturais foram causa desses progressos, mas a causa principal a temos na aplicação ao estudo unida à serenidade de espírito e à tranquilidade do coração, isento de paixões perturbadoras da inteligência. Aplicando-se Paulo mais tarde a estudos profundos e assíduos, aprendeu a raciocinar com solidez, a expressar-se com elegância, insinuação e eloquência. Sua palavra era grave, brilhante e comovente, o que muito agradava e impressionava seus ouvintes no decurso das pregações.²⁶

O estudo, que soube converter em oração, não lhe alterou a piedade, de maneira que os progressos na ciência dos santos não foram menos notáveis.

^{25.} S. I. 47 § 21.

^{26.} VS. p. 18.

Multiplicava os exercícios de piedade. Jamais deixou a meditação; diariamente assistia à santa missa e o máximo possível se alimentava do pão dos Anjos. O tempo que lhe restava do estudo e das aulas, empregava-o em piedosas leituras e visitas ao Santíssimo Sacramento e à Santíssima Virgem.

O trabalho e a oração foram como que o aroma a lhe preservar a alma da menor culpa. A modéstia, o candor e a piedade prognosticavam que viria a ser um grande servo de Deus.

Terminou seus estudos literários aos 16 ou 17 anos.